

Artes Visuais e Comunidade: processos, impacto e constrangimentos

José Pedro Regatão*

Kátia Sá**

Teresa Matos Pereira***

Escola Superior de Educação de Lisboa

jregatao@eselx.ipl.pt *

ksa@eselx.ipl.pt **

tpereira@eselx.ipl.pt ***

Resumo

O presente texto sintetiza o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo 2014/15 na disciplina Artes Visuais e Comunidade, integrada na licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Em Artes Visuais e Comunidade pretende-se o desenvolvimento de projetos artísticos de intervenção em espaços públicos de natureza vária (espaços urbanos, rurais, naturais, etc..), que envolvam processos de trabalho com a comunidade atendendo às suas necessidades, motivações, construções identitárias e memória coletiva

Em primeiro lugar será realizado um balanço dos seis projetos desenvolvidos na referida Unidade Curricular considerando os processos de trabalho que culminaram em residências artísticas nos contextos de atuação bem como o seu impacto e acolhimento junto das comunidades em causa. Em segundo lugar pretende-se uma reflexão (apoiada pelos testemunhos dos diversos intervenientes) acerca do papel desempenhado por uma abordagem desta natureza no âmbito da licenciatura em AVT bem como dos constrangimentos ao seu desenvolvimento em contexto académico de formação inicial

Palavras-chave: Artes Visuais; Intervenção Comunitária

Abstract

This text synthesizes the work developed throughout the school year 2014/15 in the discipline Visual Arts and Community, which is part of the degree in Visual Arts and Technologies in Superior School of Education (Lisbon)

Visual Arts and Community intend to develop artistic intervention projects in public spaces of various kinds (urban spaces, rural, natural, etc...), involving work processes with the community, considering their needs, motivations, identities and collective memory.

First there will be a synthesis of the six projects developed considering the work processes that culminated into artistic residencies in different contexts as well as their impact and reception with from the participating communities.

Secondly it is intended to reflect (supported by the testimony of the various actors) about the role played by such an approach under the AVT course as well as the constraints on its development into the academic context of initial academic training.

Keywords: Visual Arts; Community Intervention.

Introdução

O presente artigo contempla uma síntese e reflexão acerca do trabalho desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Artes Visuais e Comunidade (AV e C), ao longo do ano letivo 2014/2015. Esta UC integra-se no plano de estudos da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa, constituindo – se enquanto UC eletiva (de escolha opcional) e contou inicialmente com 30 alunos inscritos, dos quais 27 concluíram (25 através de frequência e 2 por exame).

A UC é conduzida por uma equipa de três docentes cuja formação, nos vários domínios das artes visuais (pintura, escultura, multimédia), possibilita o desenvolvimento de abordagens transversais e transdisciplinares – capazes de dar resposta à pluralidade das propostas de trabalho. As problemáticas desenvolvidas em contexto de aula (com recurso a estudos de caso) são posteriormente secundadas pela realização de três seminários, abertos à comunidade que integraram os testemunhos de vários agentes implicados nas questões da intervenção pública através das artes visuais, designadamente: artistas, agentes culturais, investigadores, representantes de ONG, autarquias, etc.

Uma das premissas iniciais da UC era a possibilidade de compreender de forma abrangente, o papel desempenhado pelas práticas inerentes às artes visuais nos contextos de desenvolvimento e intervenção comunitários. Para tal foram encetadas parcerias com diferentes entidades de modo a possibilitar um contacto direto com comunidades e atores distintos e assim conceber, desenvolver e implementar propostas de intervenção que cruzassem a diversidade de linguagens inerentes às artes visuais com as realidades encontradas no terreno. Neste sentido, procederam-se a recolhas, mapeamento e processamento de diversos componentes (tangíveis e intangíveis) que configuram e identificam determinada comunidade - seus interlocutores, necessidades, motivações, construções identitárias e memória coletiva.

A outra premissa era a possibilidade de criar um espaço de atuação onde os estudantes pudessem escolher um contexto de intervenção que fosse de encontro às suas motivações

peçoais/artísticas e a partir daí desenvolver processos exploratórios e colaborativos com vista a uma partilha experiências e saberes de ordem social, criativa, tecnológica e artística.

Deste envolvimento com diferentes comunidades em contextos urbanos e rurais nasceram 6 projetos de natureza diversa que expressaram um processo de (re)conhecimento mútuo, plasmado numa enunciação e partilha de problemáticas, intersubjetividades e motivações particulares.

A arte como espaço de partilha

A reivindicação de uma função social para a arte remonta à época do Construtivismo Russo (1913-1930), movimento que colocou em questão a imagem do objeto artístico como algo sacralizado, em defesa de uma arte aberta à sociedade que promovesse a experiência e participação do espetador. Ao longo da história, diversos artistas debateram-se por esta noção, como é o caso dos Situacionistas, Duchamp, Allan Kaprow, Joseph Beuys, entre outros (Jacob, 1995, p.19). Eles não só viriam a defender a aproximação da arte ao contexto social, como a impulsionar a relação efetiva entre a arte e a vida, com propostas de uma arte baseada no diálogo e na interação humana. No manifesto da Internacional Situacionista (1960), está patente essa premissa, quando é declarada uma posição contra a “arte unilateral”, uma arte “sem resposta”, marcada pela falta de comunicabilidade com o espetador (Internationales Situationniste, nº 4 : 1960).

A partir dos anos 60, a arte deixa de ser entendida como um discurso unilateral, para passar a ser vista como um diálogo constante entre o artista e a audiência. A obra de Beuys, por exemplo, foi responsável por uma aproximação decisiva entre a arte e o público, ao encarar a atividade artística como portadora de uma função social, procurando, assim, através das suas performances e rituais, “manifestar a energia coletiva” (Borier, 1996, p.28.). O artista alemão reconhecia na arte o poder de transformar a sociedade e contribuir para a sua transformação.

A UC Artes Visuais e Comunidade é herdeira destas ideias, que não só alteraram o modo como vemos a arte, como contribuíram para o próprio alargamento dos limites convencionais das artes plásticas. Como o próprio nome sugere, Artes Visuais e Comunidade caracteriza uma prática artística dirigida e desenvolvida em conjunto com as comunidades, cujo objetivo principal é explorar formas de diálogo e de interação direta com as pessoas através da arte. Isto significa que esta deixou de ser entendida como uma expressão individualizada de cariz autoral, para ser desenvolvida em estreita relação com um grupo de indivíduos que assumem a coautoria da obra em parceria com o artista. Neste sentido, podemos afirmar que é uma modalidade que promove o envolvimento da sociedade na criação artística, através da criação de meios operativos de colaboração com a comunidade.

Contrariamente à experiência estética proporcionada pela arte no museu, nas AV e C “(...) o significado ou o valor artístico da obra deixou de residir no próprio objeto” (Kwon, 2002, p.95) para se manifestar no processo de interação social. Na verdade, o processo colaborativo é tão importante quanto o objeto final, na medida em que é responsável pela experiência coletiva da qual emerge a verdadeira energia criativa. É no decurso deste

processo que se desmistifica o próprio papel da arte, ao tornar a sua concretização acessível à sociedade, promovendo um espaço de partilha onde todos os indivíduos podem assumir o papel de artistas.

Esta aproximação da arte ao contexto social representa, também, uma oportunidade para os artistas se relacionarem com o quotidiano das populações, da chamada vida pública, e conhecer de perto as realidades sociais e humanas das diferentes comunidades. Para além de interferir diretamente no mundo, um dos principais desígnios na AV e C é estimular a criação de novas formas de diálogo e de interação entre os indivíduos, funcionando como catalisador da mudança social.

A propósito desta noção, vale a pena recordar a frase de Herbert Marcuse “A arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e das mulheres, que poderiam mudar o mundo” (Marcuse, 1999, p.39).

Para concluir, as AV e C pode ter um amplo papel na sociedade, quer do ponto de vista artístico, ao proporcionar novas experiências e estimulantes formas de expressão coletiva, quer em termos sociais, através da valorização da função humana e social da arte.

Metodologias e processos

As modalidades de trabalho adotadas no âmbito da UC assentaram na conceção e implementação de projetos em diferentes contextos de intervenção, apoiados por um enquadramento teórico, análise e estudos de caso, no âmbito das aulas, bem como por seminários que permitiram um enquadramento fundamental, proporcionando diferentes perspetivas estéticas-artísticas bem como outros modos de perceber os modelos de colaboração e intervenção comunitária através das práticas artísticas.

O desenvolvimento de metodologias de trabalho projetual permitiu dar resposta de, maneira flexível, às problemáticas enunciadas e assumidas como eixos estruturantes das intervenções de modo a observar os processos criativos na base das propostas - considerando a sua complexidade e transdisciplinaridade – e pressupondo, em última instância, uma apropriação devidamente fundamentada de linguagens visuais e modalidades artísticas como a fotografia, o vídeo, a pintura, a instalação, etc.

A realização de dois seminários intitulados “*Arte & Comunidade. Compromissos, Partilha e Reflexão*”, (Fig.1) possibilitou um contato direto entre os estudantes que frequentaram a UC (bem como um público mais alargado pois trataram-se de iniciativas abertas à comunidade) com um conjunto de exemplos partilhados pelos oradores convidados, decorrentes das suas experiências em projetos de intervenção aos quais estiveram ligados enquanto artistas/autores, promotores institucionais ou enquanto investigadores. Estes assumiram uma importância capital já que permitiram a criação de um espaço de discussão e partilha que abriu de imediato, o campo das expectativas relativamente ao trabalho a desenvolver, dada a diversidade de propostas apresentadas.



Fig. 1 Seminários “Arte & Comunidade. Compromissos, Partilha e reflexão”.

A este primeiro momento de abertura, seguiu-se um outro seminário que incidu especificamente nas questões relacionadas com o desenvolvimento comunitário e contemplou uma aproximação a metodologias de abordagem e intervenção na comunidade, as suas dimensões educativas e cívicas bem como o seu impacto (a nível local, regional, nacional, ...). Este 3º seminário foi promovido em conjunto com o CIDAC (Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral), uma ONG para o desenvolvimento.

Os Projetos

A escolha das propostas constantes da “bolsa de projetos ” incidu em seis projetos, cinco dos quais realizados no concelho de Santiago do Cacém, situado no Litoral Alentejano. Os contextos de intervenção situaram-se em diferentes freguesias do concelho: Alvalade Sado, Santo André, Abela e Santiago do Cacém sendo que, o sexto projeto se concretizou na freguesia de Benfica, em Lisboa.

Em seguida avançaremos com uma breve abordagem aos diferentes projetos atendendo as várias conjunturas de atuação, modalidades de participação da comunidade, processos de trabalho e resultados obtidos.

Alvalade Sado

Com a participação dos utentes do Centro de Dia de Alvalade de Sado, os estudantes Anastasia Mironas, Artur Almeida, Joana Pedreira, Sara Abreu e Sofia Mendes desenvolveram o projeto “*A Cor da Idade*”.

O Centro de Dia, associado à Casa do povo, recebe diariamente habitantes locais e vizinhos desta vila alentejana, que aí recebem cuidados de saúde, higiene e alimentação, dedicando-se ainda a diversas atividades, tais como: ginástica, ateliers artísticos, bailes temáticos, coro, marchas, que ajudam a minorar o isolamento, promovendo a participação comunitária.

A este grupo de estudantes foi lançado o desafio para a concepção de um painel decorativo para o novo espaço ERPI (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas) de Alvalade Sado. Foi deste modo que se envolveu o grupo sénior que participa, voluntariamente, nas atividades do Centro de Dia, num processo criativo, participativo, que contou com a colaboração de Valter Guerreiro, o animador sociocultural do centro.

O projeto contemplou 3 fases:

- a) Um primeiro contacto dos estudantes com o Centro de Dia e os seus utentes, para a apresentação e recolha de imagens.
- b) Visita dos utentes do Centro de Dia à Escola Superior de Educação de Lisboa, para o conhecimento da mesma e realização de uma sessão de trabalho conjunto;
- c) Residência dos estudantes no Centro de Dia, durante 3 dias, para a conclusão do painel coletivo.

O painel colaborativo baseou-se no sentido de pertença e de proximidade, inerentes ao contexto de uma pequena comunidade, elegendo o autorretrato como tema, promovendo e valorizando o “jogo do reconhecimento do outro”, contando com cerca de vinte e seis participantes, com idades compreendidas entre os 65 e os 90 anos.



Fig. 2 Projeto “A Cor da Idade”.

A primeira visita ao Centro caracterizou-se pela partilha de histórias de vida destas pessoas, cuja memória se demarca pelo trabalho árduo, doméstico ou no campo, em fábricas e/ou na costura — tendo-se recorrido à fotografia e vídeo. Como metodologia de abordagem inicial, sugerida pelo Valter, os estudantes questionaram individualmente os utentes sobre a preferência de cor, de uma paleta pré-selecionada (amarelo, vermelho, verde e azul, respetivamente as cores do novo lar) e ainda sobre as suas memórias associadas a essa escolha, servindo o pretexto para uma prévia ideação cromática para o autorretrato a realizar. No cartão com a cor escolhida, os estudantes anotaram as memórias de cada utente, apontando o nome da pessoa a que este correspondia e, em complemento, associada uma foto de perfil de cada participante. Nesta sessão, procedeu-se ainda à apresentação do grupo de estudantes e à explanação da ideia inicial do projeto colaborativo, solicitando-se às pessoas o seu envolvimento, a sugestão de ideias e ainda a seleção e solicitação dos materiais a abordar, agendando-se nova sessão de trabalho. O recurso plástico adotado foi a matéria têxtil, partindo de técnicas de costura basilares, que tanto os estudantes como a maioria dos participantes dominariam, decidindo-se que o painel resultaria de uma composição modular de autorretratos concebidos em tecido.

Invertendo a unilateralidade do contato, a segunda sessão de trabalho decorreu no espaço da ESELx, transformando-se num momento rico de partilha de realidades e de experiências. Como preparação, foram feitas impressões A3 das fotos de perfil dos participantes, editadas pelos estudantes. Partindo do recorte dessas imagens em papel, cada utente iniciou o

processo criativo de composição do autorretrato, escolhendo entre os tecidos solicitados, as cores, texturas e padrões com que mais se identificava.

Posteriormente, já em residência no Centro de Dia, procedeu-se à colagem do perfil em papel numa base em feltro com a cor inicialmente escolhida por cada utente, seguindo-se o corte e costura dos tecidos, a composição de cada módulo, acabamentos e, finalmente, a união das partes que constituem o painel. As sessões de trabalho em residência foram mediadas pelos estudantes, pela docente que os acompanhou e pelo animador sociocultural do Centro, e ainda por uma estagiária, servindo, fundamentalmente, para a concertação de procedimentos, objetivos e apoio a dificuldades técnicas.

É de referir o grande envolvimento de todos e o espírito de entreatajuda que permitiram que o projeto se cumprisse, em tempo útil. Na reflexão final conjunta, estudantes e participantes descreveram a experiência como única e gratificante, a todos os níveis, destacando-se o humano. Menos positivas foram as dificuldades sentidas por alguns utentes em acompanhar a exigência dos processos, ao nível técnico, e pelos estudantes em dar resposta a todas as solicitações ao longo do trabalho, tendo em conta o número de participantes, a linha temporal disponível e sua inexperiência para antever algumas situações. Todavia, perante o resultado final, todos se mostraram surpreendidos com o painel realizado que consideraram “diferente e bonito”.

Costa de Santo André

Projeto em torno da memória da construção tradicional das cabanas dos pescadores da Costa de Santo André, que aí se estabeleceram, no início do século XX, provenientes da zona de Aveiro e construíram habitações com recursos disponíveis no local —madeira, caniço e estorno.

O aglomerado de cabanas da Costa de Santo André partilha da mesma realidade de outros povoamentos do litoral de Portugal, que surgiram durante a segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, com ligeiras diferenças de região para região. Estas construções desapareceram, mediante a alteração do modo de vida dos seus habitantes, melhoria das condições socioeconómicas e integração de novos materiais de construção, mais duráveis (Escoval, 2003).

O presente projeto incide na memória da evolução destas construções até ao bairro atual, contando com duas vertentes:

a) A realização de um conjunto de placas de azulejo, a partir das placas de sinalização da toponímia do atual bairro da Costa de Santo André, que serviram como detonadores de memórias dos moradores. Convidou-se cada um a intervir nas respetivas placas, materializando uma memória colectiva.

b) Recolha de áudio e vídeo de todo o processo inerente ao contacto com moradores e intervenção nas placas de azulejo, visando a concretização de um vídeo documental.

“Memórias das Cabanas da Lagoa de Santo André” esteve a cargo dos estudantes Bernardo Monteiro, Inês Ferreira e Susana Rodrigues, mediado, de forma participativa, pela docente que

os acompanhou na residência, responsável pela edição do vídeo documental. Investigando a memória imaterial arquitectónica das referidas construções primitivas, o grupo de estudantes calcorreou o atual bairro, interpelando vários moradores, captando “memórias avulso” daqueles que vivenciaram “belos tempos” em que se era “feliz com tão pouco”. Esta intervenção teve como preocupação primária a conservação de uma memória em risco de perda, e a sustentação do orgulho e esperança (Adams & Goldbard, 2006) de uma comunidade que vivenciou uma realidade, física e afetiva, desaparecida na sua totalidade, e que, por esse motivo, está afeta a um sentimento de desterro.

O primeiro contacto com a história do local, da lagoa, da pesca e das construções primitivas, foi mediado por José Matias, responsável pelo Museu do Trabalho Rural de Abela que, generosamente, partilhou conhecimento, introduziu fatos históricos do local e facilitou documentação existente de grande valor. O mesmo mediou ainda o primeiro contato com o atual bairro de pescadores, organizando uma visita ao Sr. Júlio, artesão local, que dispôs, junto ao muro de sua casa, uma mostra do seu trabalho de algumas miniaturas destas construções primitivas.

O contato com a comunidade do bairro, durante o período de residência dos estudantes, incidiu numa abordagem direta, “porta a porta”, visando a realização de um vídeo documental. Registámos vídeo e áudio, separadamente, ao longo de dois dias, procurando pessoas para entrevistar que tivessem sido antigas moradoras do bairro. Com ajuda da própria comunidade de moradores e do acaso, contactámos com cinco pessoas cujas memórias são das mais antigas, remontando às vivências no bairro original: António Pereira, Maria da Luz, Maria Domingues, Maria Rosa, Júlio Sabino e Maria Fátima Cruz.

Os relatos na primeira pessoa, as fotografias, os postais antigos, os adereços, as roupas, os utensílios de cozinha, de pesca, complementaram-se com os desenhos descritivos, que alguns dos entrevistados acederam inscrever nas placas de azulejo, previamente preparadas para o efeito. Os próprios alunos entrevistaram também, apontando nessas placas os detalhes visuais de algumas descrições. Um processo de interação que nos fez viajar para o tempo em que existiram Cabanas e gentes nas dunas da Costa de Santo André. As placas de azulejos materializam agora essa memória coletiva, tendo funcionado como veículos de interação, epígrafes de contato com a comunidade que corporizam, sobretudo, os processos de partilha dessa memória, registados em áudio e vídeo.



Fig. 3 “Memórias das Cabanas da Lagoa de Santo André”.

É de salientar o impacto desta experiência: um processo criativo para apreender uma determinada realidade, completamente diferente, inteirando-se de forma direta das vivências do passado destas pessoas, noutra época e contexto. No processo, foi possível observar que o método excedeu as expectativas do grupo e que a mediação dos dispositivos de captura de áudio e vídeo intensificou a experiência de contacto com a população, aproximando-o da realidade destas pessoas, reforçando a empatia pelo património imaterial em causa. Subsequentemente, ressaltamos também o fechamento que se sente numa comunidade deste género, “descontinuada”, que contudo, sabe abrir-se à intromissão daqueles que exaltam a sua história, ainda que de forma tão espontânea.

“Linhas de Cerromaior”

“*Linhas de Cerromaior*” foi o título de um projeto de intervenção em espaço urbano que decorreu na cidade de Santiago do Cacém. Da autoria de um grupo de 6 estudantes – Ana Rita Henriques, Ana Sofia Matos, Bruna Pimenta, Inês Silva, Mariana Santos e Patrícia Ribeiro – o projeto assumiu como referência simbólica/espacial a *Rota histórico-literária de Cerromaior* existente em Santiago do Cacém.

Este percurso revisita os espaços evocados por Manuel da Fonseca na obra *Cerromaior* publicada em 1943 onde a vila alentejana serve de cenário às vivências de personagens que bem poderiam ser habitantes reais de Santiago do Cacém na década de 30 do século XX.

O grupo desenvolveu um projeto de carácter efémero que estabeleceu uma ligação entre o espaço urbano e a narrativa literária propondo uma escrita na paisagem que entrelaçou a memória cultural de Santiago do Cacém e a obra de Manuel da Fonseca (de onde era natural).

O desenho de uma linha ao longo do percurso histórico-literário conduziu os passos e o olhar do visitante pelos lugares descritos no romance, reativando o discurso literário através de curtos excertos de texto desenhados a giz sobre o pavimento das ruas. Esta proposta foi inicialmente discutida com representantes da autarquia e sujeita a uma auscultação prévia junto da comunidade (designadamente comerciantes e habitantes do Centro Histórico) através de uma consulta porta a porta realizada pelo grupo de estudante e uma técnica superior da Câmara Municipal com vista a divulgar o projeto e averiguar a receção do mesmo junto da comunidade.



Fig. 4 Projeto “Linhas de Cerromaior”.

Considerando a recepção positiva o projeto possibilitou a participação dos habitantes e complementou a intervenção no pavimento com outros momentos que previam uma interação com transeuntes e/ou residentes. Estes eram convidados a deixar uma marca da sua passagem pelo lugar, por exemplo através da inscrição do nome numa das folhas de cartolina colocadas junto à “Casa das Heras”.

Através deste conjunto de momentos inscritos no espaço urbano que configuraram a intervenção em Santiago do Cacém foi possível a transposição, para um plano material, da memória histórica e cultural dos lugares partilhados e vividos, mediada pelo discurso literário que assim convida a leituras de natureza estética, plástica e comunicacional.

Museu do Trabalho Rural — Memória e oralidade.

Inaugurado em 2008, o Museu do Trabalho Rural situa-se na freguesia de Abela (Santiago do Cacém) tendo como princípio, a transmissão da memória de uma comunidade rural que nas últimas décadas sofreu profundas alterações ainda que se mantenham os sinais de pertença ao território sedimentadas nas identidades locais.

Objetos como alfaias e outros instrumentos rurais, cartas agrícolas, documentação escrita e visual, expostos no espaço museológico, resultam de um empréstimo por parte da comunidade, já que este não dispõe de coleção própria.



Fig. 5 Projeto Museu do trabalho Rural de Abela, memória e oralidade.

Considerando a dualidade entre tangível/material e intangível/imaterial que reveste a partilha e conservação da memória de quotidianos vinculados ao “trabalho do campo”, o grupo composto pelas estudantes Carina Custódio, Gabriela Lima e Márcia Fernandes, procurou interligar este dois níveis de abordagem num projeto que assumiu duas vertentes:

Em primeiro lugar a criação de uma intervenção no painel existente na fachada do Museu tomando como referências os objetos expostos no seu interior. Desta forma, através da instalação, foi possível trazer para o exterior alguns dos objetos emblemáticos do Museu e assim convidar o transeunte a entrar.

Em segundo lugar a recolha de testemunhos de pessoas que, pertencendo a esta comunidade mantém vivas as memórias de um tempo não muito longínquo. Esta recolha deu origem a um

vídeo que se assume como o início de um processo mais alargado de recolha e conservação da oralidade que é necessário levar a cabo como meio de complementar o conhecimento contextualizado dos objetos expostos.

Monte do Giestal — “Yellow Roots”

O Monte do Giestal é um hotel de turismo rural localizado no concelho de Santiago do Cacém, com uma extensão de 71 hectares, constituído por dez casas de campo com decoração típica da região. O projeto envolveu, numa primeira fase, a visita às instalações e ao terreno envolvente, durante a qual se procedeu ao reconhecimento da herdade e à recolha de informação histórica e ambiental. Neste projeto participaram três estudantes, Alexandra Silveira, Joana Coelho e Mariana Quarela, que começaram por recolher informação e imagens do local, à medida que se inteiraram da diversidade ambiental e cultural desta comunidade. Nesta visita foi possível tomar conhecimento do espaço e definir quais os materiais e recursos da região que seriam utilizados na intervenção artística.

O desenvolvimento do trabalho incidiu sobre duas vertentes, por um lado o caráter físico e ambiental da herdade, na medida em que se pretendia uma integração plena da obra naquele contexto específico, por outro lado, a criação de meios de envolvimento da comunidade turística. Neste sentido, as estudantes produziram várias propostas a partir dos elementos naturais disponíveis na herdade (troncos, rochas, terra), tendo como referência estética as expressões artísticas que utilizam como suporte o ambiente natural (*Land Art*). Pretendia-se não só convocar a presença ativa do espetador, criando uma obra que tirasse partido das potencialidades táteis e perceptivas da matéria, mas também que contribuísse para criar uma nova imagem da herdade.

Após a análise de diversas propostas, o projeto selecionado consistiu na criação de uma instalação escultórica que utilizou como suporte um tronco de oliveira recolhida no local. Na base do tronco foi integrado um banco em taipa, executadas diversas incisões no tronco e a sugestão de um percurso por meio da disposição de um conjunto de rodela no solo. Para além de manifestar um sentido telúrico, a obra apresenta-se aqui como metáfora da vida, na medida em que propõe um percurso que atravessa o tronco (através de uma linha amarela que sugere a seiva) e termina na sugestão de percursos a partir dos fragmentos dispostos no chão.



Fig. 6 Projeto “Yellow Roots”

A paleta cromática foi definida pela cor amarela, proveniente da própria Giesta que dá nome à herdade, com apontamentos que atravessam a intervenção plástica e contribuem como elemento unificador da composição escultórica.

O aspeto reflexivo do trabalho aparece representado nas palavras soltas - “Eu Sinto”, “Felicidade”, “Calma” - e por meio de desenhos impressos nas rodela com *stencil*, a maior parte dos elementos foi deixado em branco, permitindo aos visitantes deixarem a sua própria marca e imprimir os estados de alma decorrentes da estadia no monte. Deste modo, a comunidade é convocada a participar na obra através da sua expressão individual, tendo à sua disposição um conjunto de pictogramas e palavras em *stencil* criadas pelas estudantes.

“Reciclar o Olhar”

“Reciclar o Olhar” é o nome do projeto que consistiu na intervenção plástica num conjunto de vidrões integrados na freguesia de Benfica, no âmbito de uma parceria criada com a Galeria de Arte Urbana (GAU) da Câmara Municipal de Lisboa.

Este projeto contou com a participação de cinco estudantes, Alcinda Moreira, Luís Costa, Ricardo Cardoso, Sara Carvalho e Tiago Santos que centraram o seu trabalho na perceção visual do espetador e na relação dos vidrões com o contexto urbano. A proposta procurou estimular este diálogo direto, através da criação de uma imagem visual que sugerisse a transparência do objeto e, ao mesmo tempo, reproduzisse o seu meio envolvente. A ilusão da realidade foi obtida através da técnica *trompe l'oeil*, em cada vidrão surge uma composição pictórica que reproduz um determinado ponto de vista da paisagem urbana, criando uma fusão com o espaço em redor.



Fig. 7 “Projeto Reciclar o Olhar”.

Ao contrário do tradicional realismo a que esta técnica se encontra associada, a intervenção artística explorou uma linguagem geometrizada, com estruturas lineares que sintetizam a imagem da cidade. Por outro lado, os estudantes fizeram referência ao conteúdo dos vidrões, representando em cada uma das faces um conjunto de formas (garrafas empilhadas) que desafiam e estimulam a imaginação do espetador.

O jogo de ilusão perceptiva que a obra propõe em cada uma das ruas, não só desafiou a perceção sensorial do espetador, como o incentivou a ver o mundo de outra forma e refletir sobre o seu próprio ambiente urbano. A relação com a comunidade, ocorreu sobretudo na

fase de execução do projeto, durante a qual os estudantes ouviram palavras incentivo, a par de questões de âmbito estético.

Este encontro entre o público e a obra, revelou, entre outras coisas, um reconhecimento pela comunidade da importância da arte na valorização da imagem da freguesia.

Partilhar e refletir

Após a realização dos projetos e avaliação do desempenho dos estudantes no contexto académico da UC de Artes Visuais e Comunidade, havia que perceber qual o impacto que estes tiveram nas comunidades com as quais foram executados. Neste sentido e a convite dos intervenientes autárquicos nos projetos desenvolvidos no concelho de Santiago do Cacém, foi realizado o Encontro “Arte e Comunidade. Memória, Partilha e Reflexão” no Auditório Municipal António Cháinho (Santiago do Cacém) no dia 31 de outubro de 2015, cerca de cinco meses após o desenvolvimento dos projetos.



Fig. 8 Encontro “Arte e Comunidade. Memória, Partilha e Reflexão” no Auditório Municipal António Cháinho

Este momento contou com a presença dos estudantes que desenvolveram os projetos, habitantes locais envolvidos diretamente na sua concretização, representantes das instituições que apoiaram a sua concretização (designadamente do Museu Rural de Abela, Câmara Municipal e Museu Municipal de Santiago do Cacém) e público geral. Aqui foram exibidos e comentados os vídeos realizados aquando das residências artísticas na Costa de Santo André e Museu do trabalho Rural de Abela tendo intervindo quer os seus protagonistas (entrevistados) quer os seus autores (estudantes), numa troca de experiências e memórias - quer dos processos quer dos discursos.

Este encontro mostrou-se igualmente aliciante pelo facto de se ter constituído um espaço de conversa informal onde foi possível, uma vez mais, ouvir e partilhar as falas daqueles que tendo conhecido diferentes realidades sociais, económicas e culturais, contribuíram para acrescentar novos sentidos a uma formação no campo das artes visuais, que tradicionalmente se encontra centrada numa perspetiva do indivíduo-artista - remetendo para um plano secundário os modos de pensar e materializar a arte num território de colaborações mútuas.

Nota Final

A realização de um trabalho fora do contexto escolar, traduziu-se na oportunidade dos estudantes aplicarem os conhecimentos numa realidade concreta, representando um verdadeiro desafio para todos os intervenientes. A opção de residência artística durante 3 dias para o desenvolvimento e conclusão do trabalho, compreendeu diversas limitações ao processo de trabalho, suscitando a procura imediata de soluções e respostas aos problemas. Por vezes, foi necessário realizar ajustes e desvios às propostas iniciais, bem como adequar os processos às características particulares do lugar (que em terreno se mostraram inadequadas) e ir ao encontro da vontade das comunidades. Os grupos foram, por diversas vezes, desafiados e colocados à prova pelas situações estruturais que obrigou a um reajustar das suas práticas diante do contexto e, por conseguinte, à exploração de novas ferramentas decorrentes do trabalho colaborativo.

A intervenção direta através da arte em realidades sociais e culturais específicas, proporcionaram aos estudantes a compreensão de espaços partilhados (físicos, de memória e saber coletivo), que se tornaram fundamentais de todo o processo de trabalho desenvolvido na UC.

O impacto que os projetos desencadearam junto das comunidades, pode ser observado de dois modos: pela relação interpessoal e colaboração recíproca que os grupos estabeleceram no contexto das intervenções artísticas, por outro lado, o interesse que diversas instituições e particulares manifestaram pela realização de exposições/encontros com a comunidade. Foi o caso da apresentação/reflexão final intitulada “*Arte e Comunidade. Memória, Partilha e Reflexão*” que decorreu no Auditório Municipal António Chaiinho (Santiago do Cacém) no dia 31 de outubro de 2015, cerca de cinco meses após o desenvolvimento dos projetos.

Este momento contou com a presença dos estudantes que desenvolveram os projetos, habitantes locais envolvidos diretamente na sua concretização, representantes das instituições que apoiaram a sua concretização (designadamente do Museu Rural de Abela, Câmara Municipal e Museu Municipal de Santiago do Cacém) e público geral. Aqui foram exibidos e comentados os vídeos realizados aquando das residências artísticas na Costa de Santo André e Museu do trabalho Rural de Abela tendo intervindo quer os seus protagonistas (entrevistados) quer os seus autores (estudantes), numa troca de experiências e memórias - quer dos processos quer dos discursos.

Este encontro mostrou-se igualmente aliciente pelo facto de se ter constituído um espaço de conversa informal onde foi possível, uma vez mais, ouvir e partilhar as falas daqueles que tendo conhecido diferentes realidades sociais, económicas e culturais, contribuíram para acrescentar novos sentidos a uma formação no campo das artes visuais, que tradicionalmente se encontra centrada numa perspetiva do indivíduo-artista - remetendo para um plano secundário os modos de pensar e materializar a arte num território de colaborações mútuas.

Para além disso foi realizada uma exposição itinerante que passou pela freguesia de Abela (no espaço de uma antiga barbearia) pela Casa do Povo de Alvalade e pelo Auditório António Chaiinho, no concelho de Santiago do Cacém e pela ESELx.



Fig. 9 Exposição itinerante na antiga barbearia de Abela.

Para terminar, cabe acrescentar que o balanço final dos projetos e processos desenvolvidos, serviu de introdução da UC no ano letivo de 2015/2016, permitindo problematizar um conjunto que questões ligadas às potencialidades, desafios e obstáculos do trabalho artístico desenvolvido com as comunidades bem como delinear estratégias futuras de colaboração e de redimensionamento da própria Unidade Curricular.

Referências bibliográficas

- Adams, D. & Goldbard, A. (2001). *Creative Community: The Art of Cultural Development*. NY: Rockefeller Foundation, Creativity & Culture Division.
- Adams, D. & Goldbard, A. (2006). *New Creative Community: The Art of Cultural Development*. NY: Rockefeller Foundation.
- Argan, G. (1988). *Arte e crítica de arte*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Borier, A. (1996). *The essential Joseph Beuys*. London: Thames and Hudson.
- Campos, R. (2010). *Porque Pintamos a Cidade. Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século.
- Escoval, A. (2003). *Cabanas: um exemplo de construção tradicional na Costa de Santo André*. In "O Homem, a terra e a Lagoa. Cadernos do Património n° 0. Edição Câmara Municipal de Santiago do Cacém.
- Georges, S. & Judikis, J. (2002). *Conversations on community theory*. Purdue: University Press.
- Jacob M., Brenson & M., Olson E. (1995). *Culture in action: a public art program of sculpture Chicago curated by Mary Jane Jacob*. Seattle: Bay Press.
- Lacy, S. (1995). *Mapping the terrain: new genre public art*. Seattle: Bay Press.
- Lippard, L. (1997). *The lure of the local: senses of place in a multicentered society*. New York: New Press.
- Marcuse, H. (1999). *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.

Pallamim, V. (2000). Arte Urbana: Obras de carácter temporário e permanente. São Paulo: Annablume Editora.

Periódicos:

Internationales Situationniste n° 4 (17 maio de 1960).